

“ENTERRO CELESTIAL”: devoção e amor.Carla Daniela Kons Franco¹**RESUMO**

Xinran Xue, em *Enterro Celestial*, proporciona ao leitor curioso a oportunidade de viajar no tempo e mergulhar em um Tibet pouco retratado até então. A autora retrata a evolução emocional de uma intrigante mulher de luto, Shu Wen, que abandona sua cidade natal e parte, sozinha, para uma terra misteriosa em busca do paradeiro de seu amor, Kejun – encontrando muito mais do que respostas. Uma busca de três décadas no Tibet, trocando sua vida de médica chinesa, com meros 26 anos, para um cotidiano regado pelos princípios do budismo: uma conexão mística entre humanos e a natureza, cores e silêncio, uma vida nômade e auto-suficiente, um país de pássaros sagrados e enterros celestiais, um Tibet de belezas e brutalidades. Em determinado momento, Wen descobre as circunstâncias da morte de seu marido: fora vítima de um fatal desentendimento entre duas culturas tão distintas. Uma vida de coragem, de engrandecimento espiritual e, principalmente, inspirada pelo poder transformador do amor. Xinran permite ao leitor vislumbrar que nesta vida há muito mais do que apenas dinheiro e tecnologia. Enfim, trata-se da história verídica de uma mulher extraordinária escrita por outra mulher extraordinária que, com certeza, ficará na memória dos leitores.

ABSTRACT

Xinran Xue's *Sky Burial*, a window to fascinating details of culture and Buddhism in Tibet, provides the reader an opportunity to travel in time and unveil intriguing aspects of one of the world's most mysterious and inaccessible countries. The author relates a widow's emotional evolution, Shu Wen, a 26-

¹ Acadêmica de Direito da Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Direito Internacional da UFPR (NDI-UFPR).

year-old Chinese doctor who leaves her hometown and struggles by herself in a hostile country for answers on the whereabouts of her love, Kejun. Ultimately, the protagonist finds much more than just answers. In the 1950's, Kejun, an idealistic army doctor – to whom Wen had been married for just a few months – got killed during a military mission in Tibet to unite the Buddhist country to China. No details on the circumstances of the death were given, though. The book tells then the three-decade journey of courage, anger, spiritual growth and love to uncover the truth on what happened to him in the vast landscapes of Tibet. That leads Wen from a Chinese way of life to a different one based on Buddhism, a mystic connection among human and nature, colors and silence, a nomadic and self-sufficient life in a country of sacred birds and “sky burial”, a Tibet of beauty and brutality. This way Xue allows the reader to penetrate in different standards of life, demonstrating that there is so much beyond money and technology. After all the years spent as an unwanted foreigner in Tibet, Wen eventually discovers the hows of her husband's death: he was caught in a fatal and disastrous misunderstanding between two different cultures. This is a woman's extraordinary yet truthful story. Told by an equally extraordinary woman with the skill to write down a haunting piece of work, it is embedded in surprising elements. The story will especially resonate among those who have ever personally set off in search of a lost loved one. At the end, back to a restructured China in the early 1990's, the protagonist is shocked by the political upheaval the country has suffered during her absence. After experiencing the Cultural Revolution, the country she once left was just as unrecognizable as herself.

Palavras-Chave: chinesa, Tibet, conflito cultural.

Key Words: Chinese woman, Tibet, cultural conflict.

1 INTRODUÇÃO

A obra *Enterro Celestial (Sky Burial)* nos apresenta um panorama único, de uma mulher e uma terra, ambos a mercê do destino e da política. O cenário da obra, o isolamento (e o mistério) do Tibet em conflito com a dominação chinesa, não é novidade na literatura; mas, indiscutivelmente, se individualiza com a tocante história do casal Shu Wen e Kejun, relatada com simplicidade e sutileza neste livro, escrito pela jornalista Xinran Xue e lançado no Brasil pela editora Companhia das Letras em 2004.

Apesar do aspecto fictício, não é, entretanto, *Enterro Celestial* um relato de fantasia; ao contrário, em 158 páginas, Xinran narra uma história verídica de amor, heroísmo, idealismo, lealdade e sobrevivência.

Primeiro publicado na China, o livro não menciona abusos pelo exército chinês nem a natureza política do conflito. Religião e políticas simplesmente são o fundo à viagem pessoal de Wen.

2 SHU WEN: A CORAGEM DE UMA MULHER APAIXONADA.

Shu Wen², protagonista da história, encontra-se com Xinran em 1994, momento em que relata sua história. Apesar do sotaque chinês, sua aparência era, inegavelmente, de uma típica tibetana: o que já era esperado, afinal foram trinta surpreendentes anos no Tibet, em uma busca amorosa feita de poucas palavras, mas de muita coragem.

Essa conversa tem um significado peculiar para Xinran. Em meados dos anos 60, um rumor circulava pela China a respeito de um soldado chinês, em missão no Tibet, o qual servira de alimento aos urubus. Nestes moldes, Xinran, uma criança, sentiu-se amedrontada e intrigada pela história, motivada, principalmente, pelo desconhecimento (como a grande maioria dos chineses) das cerimônias sagradas tibetanas.

Neste ponto, a conversa com Wen vem ao encontro de uma série de questões e curiosidade as quais Xinran carregava desde a infância, dissipando-as apenas décadas mais tarde, justamente pelo relato da pessoa mais apropriada, aquela que passou grande parte da sua vida adulta nos planaltos tibetanos.

2.1 A BUSCA, A PERSEVERANÇA, A CORAGEM

Wen e Kejun conheceram-se na faculdade de medicina e logo se casaram, tendo como pano de fundo uma China pós-revolução de Mao Tse-tung nos anos 50. Infortúnio do destino, a união durou menos de cem dias. O rapaz, influenciado pelo entusiasmo que tomou conta do país nos anos subseqüentes à revolução de 1949, alistou-se para o Exército Popular de Libertação e logo foi enviado ao Tibet com as tropas que auxiliariam o governo chinês a “libertar” o povo da região.

Dois meses após sua partida, Shu Wen recebeu a notícia fatal de que seu Kejun morrera em um “incidente”. Incrédula e insatisfeita com os relatórios e as explicações oficiais, não se conforma com o desaparecimento do marido

² Cujo nome é Wen, visto que, no costume chinês, o sobrenome antecede o nome.

(particularmente porque os médicos não costumavam se envolver diretamente nas lutas). Sem vislumbrar outra saída, com coragem (e inocência) parte em busca de seu amor, alistando-se também ao exército, em 1958.

Contando com a importante ajuda dos oficiais, comovidos e impressionados pelos sentimentos que a movem, conseguiu ser mandada para o mesmo local a que seu marido fora enviado, viagem que, incrivelmente, levaria mais de três décadas. Lá, além de encontrar um sentido para a morte do marido, o que transforma indubitavelmente sua vida, vive uma comovente experiência de autoconhecimento e engrandecimento espiritual.

2.2 OUTRA PERSPECTIVA DE VIDA

Enfrentando uma série de obstáculos durante o percurso, em especial pela eminência constante de um ataque dos tibetanos (intolerantes com a presença chinesa, o que para ela, inclusive, era uma surpresa, contradizendo os discursos na China), Wen acaba separada do grupo. Ferida, faminta e sem forças, conta com a generosidade de uma família nômade que a salva e acolhe, construindo com eles toda sua trajetória.

Vivendo em uma região distante, sem eletricidade ou notícias do mundo, aquele grupo especial nem ao menos sabia da presença do exército chinês no país - o que Wen também ocultou (em respeito a uma sagrada lei tibetana de não falar sobre o que sabe e não perguntar o que não sabe).

“Simplesmente continuar vivendo era uma vitória”³. Com aquela família e com Zhuoma, nobre tibetana que conheceu em meio a um dos conflitos enquanto estava no exército (e que, reciprocamente, a salvou pela sua capacidade de falar chinês, intermediando Wen nas conversas e criando um forte vínculo de amizade), aprendeu a viver ao ar livre e a conviver com a auto-suficiência. Acostumou-se ao silêncio e a uma vida de estações, onde o tempo parecia prolongar-se infinitamente. Tal convivência lhe engrandece, notavelmente, em termos de espiritualidade: sua missão de encontrar seu

³ XINRAN, Xue. *Enterro Celestial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.29

marido acabou acrescentando, pouco a pouco, elementos profundos do Budismo.

Incansável, prossegue anos mantendo o foco. Em um dia de festividade, aproveitando a concentração de pessoas e uma possibilidade maior de obter informações, ouve relatos preciosos: circulam há anos boatos a respeito do ato heróico de um médico chinês que ensejou o fim da luta entre chineses e tibetanos. O coração de Wen palpita, poderia ser o seu Kejun – e estava certa.

Como já era de se esperar, não encontra seu marido vivo, mas, consegue uma série de respostas que aliviam a angustia do desconhecimento.

2.3. A VERDADE

Neste acontecimento, chega ao conhecido e respeitado Qiangna, um senhor lendário que há anos canta na beira do rio algo a respeito de um *menba* (médico) chinês. Não apenas ela procura Kejun, mas este “velho ermitão” também a procura há décadas.

Surpreendentemente, traz com ele um pacote, tipicamente usado pelos médicos chineses, com um destino - “Shu Wen”. Dentro dele, havia dois cadernos – reconhece instantaneamente a escrita de Kejun. O jovem expõe ali o desenrolar da comovente história.

Relata que, cavalgando próximo a uma montanha, ouviu gritos de desespero e deparou-se com abutres alimentando-se de corpos humanos, um deles, inclusive, vivo! Horrorizado, e movido por seu senso de responsabilidade, Kejun atirou em um dos abutres – despertando a ira dos tibetanos e selando ali o seu fim. Era inadmissível e inexplicável àquela população a morte de uma ave sagrada em meio a um ritual fúnebre.

O homem que fora salvo era justamente aquele com quem Wen conversava, Qiangba. Na época, ele era um jovem lama de um mosteiro que havia adoecido e fora julgado morto, motivo pelo qual estava ali entregue aos abutres (não sendo desmembrado, justamente, devido a chegada do exército chinês).

Desenrolava-se ali um nítido (e fatal) conflito cultural. Acreditava-se que, pela morte daquele um, nenhum abutre voltaria, condenando toda a população tibetana ao inferno. Consciente do sentimento coletivo de raiva e das futuras conseqüências de sua atitude, Kejun teria de rapidamente achar uma solução para o retorno dos abutres. E o fez, dizendo:

Eu fiz o que fiz ontem para salvar um dos seus lamas, que não tinha morrido como vocês julgavam. No entanto, compreendi que cometi um erro ao matar um dos seus mensageiros sagrados. Quero me penitenciar por meu erro. Sacrificarei minha vida para trazer aos abutres de volta. De acordo com a religião de vocês, os abutres sagrados não comerão um demônio. Depois que eu morrer, peço que cortem meu corpo com suas facas e vejam com seus próprios olhos se na morte nós, chineses, não somos como vocês, tibetanos. Se os espíritos enviarem os abutres como um sinal, por favor, acreditem em nós, chineses, também os consideramos nossos amigos, que o ódio e a carnificina são obras dos demônios, que aos olhos dos todos nós somos irmãos.⁴

Com estas palavras, Kejun atirou em sua própria cabeça, sendo seu corpo ofertado aos abutres. Confessa Qianba que o momento fora mágico, nunca vira tantas aves– “Talvez elas pudessem provar, no corpo do *menba* chinês, a sinceridade do seu desejo de paz”⁵. Inegavelmente, Kejun em seu sacrifício conseguiu a admiração dos tibetanos.

2.4. O RETORNO: NOVO RECOMEÇO

Wen, satisfeita com todas essas revelações, deixa o Tibet, seu lar espiritual, e retorna a China em meados dos anos 90. Como não deixaria de ser, confronta-se com outra realidade: sente como se sua cidade houvesse sido reconstruída três vezes e não encontra sinais de sua família – “A cidade natal que ansiara rever sumira sem deixar vestígios”⁶. Percebe quanto o mundo mudou e quanto o Tibet a mudou.

⁴ XINRAN, Xue. *Enterro Celestial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.139.

⁵ XINRAN, Xue. *Enterro Celestial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.140.

⁶ XINRAN, Xue. *Enterro Celestial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 155.

3 O RITUAL

O título do livro é referência a uma cerimônia budista, ritual fúnebre do Tibet. Por suas peculiaridades, motiva a autora a ir além, permitindo entender o destino e a mistura de sentimentos que envolvem Shu Wen e Kejun.

Não cabe aqui uma descrição minuciosa do processo, muito menos cair na armadilha de emitir qualquer juízo de valor, na tentativa de explicar um ritual que envolve questões filosóficas, culturais e temas abstratos.

Basicamente, a cerimônia consiste em esquartejar o morto em pedaços pequenos e entregá-los à fome dos abutres, águias e outros animais sagrados, para que, assim, seja levado aos céus.

O governo chinês, em controle do Tibet desde 1950, proibiu a prática nos anos sessenta, considerando-a selvagem. A permissão é concedida apenas nos anos oitenta.

Como insinua o nome, “enterro celestial” é considerado um ato de generosidade e compaixão (virtudes fundamentais para o Budismo): os defuntos e seus parentes sobreviventes estão provendo comida para sustentar os seres vivos. Os tibetanos, de modo geral, encaram o corpo como simples “carne”, já que a vida deixara aquele corpo. Não se deve temer a morte.

Esta população, em geral, encara a morte como meramente mais uma das fases entre os chamados *samsaras*. Acredita-se que quanto mais rapidamente o corpo do cadáver se decompõe após a morte, maiores são as chances de o sujeito logo reencarnar. Inclusive, o termo “enterro celestial” foi cunhado com o intuito de transmitir a crença de que o vôo dos pássaros, simbolicamente, apressaria a reencarnação⁷.

Vale destacar que na medicina tibetana - uma preciosa herança cultural- grande parte do conhecimento provém justamente do costume aqui tratado, o qual oportunizou vasto conhecimento no tocante a anatomia e patologias.

⁷ SCOFIELD, G. *Medicina Milenar*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/gilberto/post.asp?cod_Post=3327 &a=25>. Acesso em 30e ago. 2007.

De certa forma, uma prática usual entre os tibetanos, o funeral celestial tem, como já dito, o intuito de libertar a alma. Várias são as etapas⁸: primeiramente, o corpo é envolto por um tecido branco e colocado num canto de três a cinco dias. O ritual tradicional é executado em locais específicos e normalmente ao amanhecer. Um dia propício é escolhido, quando o corpo é desnudado e enrolado em um cobertor de lã, sendo então levado para uma plataforma de pedra fora da cidade. É feita uma fogueira de pinho e cipreste, cuja fumaça serve de convite aos pássaros sagrados. O corpo é dissecado pelas costas fazendo um monte de pequenos pedaços de carne. Os ossos são esfarinhados e misturados com manteiga.

O trabalho de desmontar o corpo pode ser feito por um monge ou, geralmente, pelos *rogyapas* ("quebradores de corpos"). Testemunhas relatam que tais profissionais executam a tarefa com a naturalidade de qualquer outro tipo de trabalho manual, até conversam e dão risada durante o processo. Tal atitude fundamenta-se justamente pela concepção supracitada, que os tibetano têm do corpo físico.

Em locais onde são vários os oferecimentos diários, os urubus acabam tendo de ser persuadidos para comer (valendo-se aí até mesmo de rituais de dança). É considerado um presságio ruim se os urubus não comerem, ou se deixarem uma porção do corpo, mesmo que pequena, e voarem. Por outro lado, nos lugares onde a cerimônia é mais rara, faz-se necessário afastar as aves, famintas e ansiosas, durante as preparações iniciais.

A princípio, não é permitido aos não-tibetanos observarem o ritual, muito menos fotografar (o que alguns conseguem)⁹. Parentes podem permanecer perto durante o ritual, normalmente em uma posição que não vejam todo o processo diretamente.

O procedimento completo e elaborado tem um custo bastante elevado. Aos que não tem condições financeiras, cabe simplesmente colocar o corpo em

⁸ LARIBEE, R. *Student Witnesses Reincarnation*. Disponível em <http://www.smcm.edu/rivergazette/articles/05-5-2-9.pdf> Acesso em 12 de set. 2007.

⁹ Para os interessados em imagens, vale acessar o blog do viajante Rotem Eldar em <http://www.travelblog.org/Asia/China/blog-7890.html>

uma pedra alta aonde irá se decompor ou servirá de alimento para pássaros e animais.¹⁰

¹⁰ Sobre os costumes tibetanos, recomendo o livro *A Terceira Visão* de Lobsang Rampa, publicado pela editora Círculo do Livro.

4 A AUTORA

Não é de hoje que Xinran Xue surpreende. Nascida em 1958, em Beijing, tornou-se uma famosa jornalista e apresentadora de rádio na China (o que é especialmente louvável em um país onde poucas mulheres conseguem visibilidade e espaço na mídia), oportunizando que uma China feminina e calada ao longo dos anos ganhasse voz e espaço.

Assim, com ousadia, retrata um espaço até então inexplorado, em especial quando o país estava sob o domínio do comunismo de Mao e durante a Revolução Cultural. No programa “Palavras na Brisa Noturna” (“*Words on the Night Breeze*”) colhe uma série de testemunhos tocantes que dão origem ao *best seller* internacional *Boas Mulheres da China* (*The Good Women of China*), figurando na lista dos melhores livros de 2003.

Não sendo aceita pelos editores chineses, a publicação de seu primeiro livro só foi oportunizada quando Xinran muda-se para Londres, onde também lança o livro em questão, *Enterro Celestial* (*Sky Burial*).

Hoje, Xinran mora em Londres, é casada e mãe de um filho, e prossegue escrevendo como colunista no *The Guardian*, além de prosseguir publicando livros, como o *What the Chinese Don't Eat*, retratando semelhanças e diferenças entre a China e o Reino Unido.

Essa relutância dos editores chineses em dar publicidade aos seus livros é justificada pelo próprio tema de que versam seus escritos, bastante delicado para os chineses. Em entrevista para a revista Época, Xinran faz um paralelo, afirmando ser “muito difícil para os chineses encararem fatos do passado que nunca foram bem assimilados, do mesmo modo que é difícil para o Japão e para a Alemanha falar sobre a Segunda Guerra Mundial”¹¹.

¹¹ MENGOZZI, F. *Uma fábula de dois mundos*. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT908775-1661-3,00.html>>. Acesso em: 19 ago. 2007.

5 CONCLUSÃO

Basicamente, Xinran traz ao nosso alcance um tesouro multicultural, apresentando detalhes fascinantes, em especial, da cultura tibetana e do budismo. O livro abre uma janela para um mundo onde a paciência, a perseverança e a fé raramente têm uma força vista no Ocidente: onde meio lápis era a posse mais moderna de um monastério, onde as pessoas passam anos procurando um ao outro, onde a vida diária é desenvolvida nos valores do Budismo.

No fim do livro, Xinran deixa uma carta aberta, pedido que Wen faça contato, já que depois da entrevista improvisada, nunca mais a viu novamente. Sem sombra de dúvidas, deixa todos os leitores curiosos e ansiosos por mais respostas e pelo paradeiro dessa figura fantástica que é Wen.

Trata-se de uma daquelas histórias reais de amor em que as pessoas sonham, um dia, serem amados ou amarem com tamanha intensidade e entrega.

Há pelo menos duas coisas que tornaram a leitura importante e interessante. Por um lado, a autora não foge de questões polêmicas, tanto com relação ao conflito pessoal com uma cultura distinta como também com relação a questões históricas. Mostra a importância da aproximação cultural, produzindo uma reconstrução na identidade da protagonista e conduzindo ao verdadeiro exercício do respeito à diferença.

Traz ainda como lição que a convivência entre fé e culturas distintas é um dos principais desafios da comunidade global, a qual deve ser sempre pautada pela conciliação da diversidade de costumes e valores, mas sem excluir as formas distintas de manifestação. Este livro em especial, desenvolvido basicamente pelo amor de uma mulher, mostra ser possível o diálogo entre culturas diversas para a convivência pacífica, com resultados positivos para ambas.

REFERÊNCIAS

LARIBEE, R. *Student Witnesses Reincarnation*. Disponível em <http://www.smcm.edu/rivergazette/articles/05-5-2-9.pdf> Acesso em 12 de set. 2007.

MENGOZZI, F. *Uma fábula de dois mundos*. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT908775-1661-3,00.html>>. Acesso em: 19 ago. 2007.

SCOFIELD, G. *Medicina Milenar*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/gilberto/post.asp?cod_Post=3327 &a=25>. Acesso em 30 ago. 2007.

XINRAN Q&A. Disponível em <<http://squatmagazine.com/article.php?articleId=232>>. Acesso em 20 ago. 2007.

XINRAN, Xue. *Enterro Celestial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.